



A presença de irmãos no exame de ultrassonografia pré-natal

Nara Amália Caron*, Porto Alegre

Maria Mercedes Fonseca**, Porto Alegre

Nos últimos anos, temos observado a presença crescente de irmãos no exame pré-natal ultrassonográfico, ocasião em que surgem atitudes, reações, questionamentos que evidenciam a necessidade de pesquisas aprofundadas. Assim, resolvemos realizar um estudo centrado na relação pais-feto(s)-irmão(s) utilizando, como em estudos prévios, o Método Bick (1964) e estendendo a análise a desenhos de crianças realizados após o exame. Participaram do estudo cerca de setenta e cinco crianças que assistiram ao exame, acompanhadas por uma observadora. Este novo contexto – pais-feto-irmão/imagens da ultrassonografia – promove um nível de profunda comunicação, satisfação e realização. A criança, convidada a uma visita importante, experiencia um contato desejado e simultaneamente temido. Tanto os relatos das observações como os desenhos traduziram conteúdos psíquicos de grande profundidade especialmente relacionados ao complexo fraterno. O acolhimento da equipe possibilitou às crianças expressarem suas angústias, ódios, rivalidades, amor fraterno, desejos desde os mais vívidos àqueles que nem ousamos admitir. Criou-se um espaço no qual a equipe e a criança compartilharam de um brinquedo criativo. Ela cria algo que já está aí e não está nem dentro nem fora do útero da mãe, tampouco de si própria. Não é um eu e também um não eu. Esta é a proposta acordada por todos. Curtindo esta ilusão, vai surgindo uma desilusão gradual, sinalizada pela presença da discriminação, alteridade e uma maior aceitação da realidade. Nesta situação, a criança exercita sua onipotência mágica, criando, do nada, a ilusão de um irmão que é apresentado, desenhado, aceito.

Descritores: Complexo fraterno. Método Bick. Desenho infantil.

* Médica. Psicanalista de crianças e adolescentes. Membro efetivo e analista didata da SPPA.

** Médica-radiologista, membro titular do Colégio Brasileiro de Radiologia.



*“Quem disse que eu me mudei? Não importa
que a tenham demolido: A gente continua
morando na velha casa em que nasceu.”*

Mario Quintana

“Esta é minha casa”

Como será para a criança deparar-se com a ameaça de ver dividido com alguém o útero da mãe, onde viveu e de onde saiu? E, mais ainda, dar-se conta de que o perdeu para este outro? E como será ver que o corpo da mãe não foi destruído por suas fantasias?

Segundo Klein (1932), a criança está desde cedo consciente do corpo de sua mãe e de seus conteúdos. Entrar na mãe e desejar apossar-se de seu interior é uma fase vital para a criança, na qual há uma identificação intensa com a mãe. O primeiro objeto do impulso epistemofílico é o corpo da mãe, que, na fantasia infantil, é penetrado e explorado. Com frequência, casas representam o corpo da mãe, seu espaço interno e o espaço psíquico da criança em relação ao processo de se tornar irmão.

Em 1919, Freud se refere a pacientes-homens que

[...] declaram haver algo estranho no órgão genital feminino. Esse lugar *Unheimlich* é a entrada para o antigo *Heim* (lar) de todos os seres humanos, para o lugar onde, inicialmente, cada um de nós viveu certa vez. Há um gracejo que diz “O amor é a saudade de casa” e, quando um homem sonha com lugar, país e, enquanto sonha, diz: “este lugar me é familiar, estive aqui antes, este lugar é o corpo ou genitais da sua mãe (Freud, 1919, p. 305).

A presença de irmãos no exame de ultrassonografia pré-natal

Nos últimos anos, temos observado a presença crescente de irmãos no exame pré-natal ultrassonográfico, ocasião em que surgem atitudes, reações, questionamentos que evidenciam a necessidade de pesquisas aprofundadas. Assim, resolvemos realizar um estudo centrado na relação pais-feto(s)-irmão(s) utilizando, como em estudos prévios (Caron; Maltz, 1994; Caron; Fonseca; Kompinsky, 2000; Caron; Gomes; Fonseca, 2002; Caron; Fonseca; Lopes, 2008), o *Método Bick*



(1964), estendendo a análise a desenhos de crianças realizados após o exame.

Nesses estudos confirmamos que as imagens – pela rapidez do encontro com o feto e pela quantidade de informações sugeridas de uma só vez – provocam uma intensa mobilização interna nos presentes, causando-lhes um impacto emocional que favorece a regressão, deixando-os mais permeáveis, transparentes e permitindo-lhes, assim, expressarem mais facilmente suas sensações, emoções e vivências mais primitivas. Algo vivido/não vivido surpreende alguém desprevenido e situações inusitadas têm-se revelado no contexto das relações e dos conteúdos intrapsíquicos. As repercussões traumáticas dependem sempre da estrutura psíquica de cada participante, que responde dentro de sua singularidade, conforme a ressonância desta experiência em sua história, somadas às expectativas, fantasias e sentimentos a respeito do bebê. Os efeitos não são lineares, podendo paralisar ou até ensejar algo novo. O *setting* criado age como um catalisador, nessa fase de transição rumo à fraternidade, quando compartilha, de forma lúdica, as fantasias, os desejos, os medos, as atitudes e os desenhos das crianças. Elas contam verdades do seu mundo mágico para quem as escuta.

Tendo em vista que o nascimento de um irmão corresponde a um corte transversal na curva da vida de uma criança, pensamos que sua presença na ultrassonografia é um momento rico para acompanhar suas vivências.

Surgem várias interrogações: como será para a criança a experiência de ver seu irmão antes de nascer? Que registros inconscientes são suscitados? Não podemos responder a estas interrogações de forma precisa. É um tema ainda pouco explorado em psicanálise. Particularmente, entretanto, queremos mostrar nossas reflexões sobre essas experiências – em destaque – quanto à problemática fraterna e à forma de enfrentá-la, questões estas presentes tanto no início da *fase tornar-se irmão* quanto no decorrer da vida. Tais reflexões advêm do trabalho realizado, durante seis meses, na Clínica Alpha, em Porto Alegre, com cerca de setenta e cinco crianças que assistiram ao exame de suas mães, acompanhadas por uma observadora. Fizemos algumas conjecturas neste trabalho, utilizando dados da criança – conduta, expressões verbais, desenhos –, depoimentos dos familiares, da radiologista e do observador presente ao exame. Estabeleceu-se, entre os presentes, uma certa intimidade graças à espontaneidade dos gestos e da linguagem oral, dando origem a um brincar compartilhado num espaço que não é nem totalmente dentro nem totalmente fora do útero materno, tampouco totalmente dentro ou fora da criança. Winnicott (1951) chamou-o de *espaço transicional* e de *objetos transicionais* os objetos que o habitam. É uma experiência de ilusão, de estar onipotentemente criando o disponível a ser encontrado. É uma forma de buscar a si mesmo, atrever-se a correr o risco de perder-se, buscar-se e assim



constituir-se. O observador, a médica, os pais, podendo respeitar, conter e participar das expressões e questões criadas pelas crianças, favorecem um exercício de ilusão/desilusão e uma ponte que permite tolerar a realidade. Procuramos integrar as informações escritas do observador, que empregaram o método Bick, incluindo o relato de seus próprios sentimentos, fantasias, respostas emocionais, ocorridos durante o exame, com os dados da criança, utilizando o referencial psicanalítico. Assim, o material foi tratado como similar ao das associações livres de um processo analítico.

A singularidade e a intensidade das manifestações verbais, comportamentais e gráficas são surpreendentes e denotam o quanto o ambiente da ultrassonografia permite uma regressão psíquica que repercute não somente nos adultos, mas também nos irmãos. As reações de uns e de outros são bastante individualizadas, mas sempre intensas: sono profundo, agitação, ansiedade, fuga, agressividade, desprezo.

Uma menina de três anos, no colo do pai, olha a ultrassonografista e grita muito forte: “Eu te odeio! Eu te odeio! Eu te odeio!” Desce rápido do colo do pai e sai correndo porta afora.

Através de fantasias, comportamentos, falas – enquanto presenciam a ultrassonografia da mãe – as crianças comunicam, de uma forma privilegiada, o seu mundo interno, com suas emoções, seus desejos, buscando satisfação, seus sonhos, suas frustrações, seus conflitos, especialmente ligados à fase de transição que estão vivenciando – rumo a tornar-se irmão – e a problemática fraterna.

Carlos Drummond de Andrade (1940, p. 46), com sua humildade de poeta, confidenciou a profundidade de sua dor, a imensurável saudade de sua cidade natal diante de uma imagem guardada ao longo do tempo no poema *Confidência do itabirano*: “Tive ouro, tive gado, tive fazendas. Hoje sou funcionário público. Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói” (1940).

Tais quais os poetas, as crianças têm uma capacidade admirável de confessar ingenuamente sua fragilidade, sua dor diante do impacto emocional que a imagem ultrassonográfica de um irmão pode lhes provocar. De chofre estão diante do duplo fraterno, que é o suporte das oposições de maravilhosas fantasias de complementaridade ou de fortes fantasias de excomunhão do irmão.

Um menino de quatro anos observa a ultrassonografia que confirmaria o sexo do irmãozinho. Ele deseja um guri e afirma que só poderá ser um guri. É confirmada uma menina que lhe é apresentada. Questiona muitas coisas, fica ansioso, brabo e, quando aparece a coluna do feto diz: “É uma lagartixa!! Não é uma menina! Não vai ter nenê”.

Uma menina de cinco anos acompanha atentamente todo o exame



debruçada, grudada na mãe que estava deitada na cama. Terminado o procedimento, a mãe diz: “Então, Dra., está tudo certo, não é?” A médica confirma. E a menina completa: “O que não está certo é este chato deste nenê que está aí dentro! Dá um jeito!”.

É possível identificar, traduzir o que se passa por trás dessas expressões?

O complexo fraterno

Com a magia e onipotência de seu pensamento, as crianças lutam impiedosamente para satisfazer suas necessidades, especialmente a exclusão de seus rivais – os irmãos. É uma solução feliz e comum, embora não aceita e negada pelos adultos. Freud (1900) refere um relato de infância, autêntico e ingênuo do poeta Adolf Spitelner:

Além do mais, havia ali um segundo Adolf: uma criaturinha que diziam ser meu irmão, embora eu não pudesse ver que utilidade ele tinha e menos ainda entender por que faziam a respeito dele tanto alarido. Eu era suficiente: por que iria querer um irmão? E ele não era só inútil, era positivamente um empecilho (Freud, 1900, p. 267).

Freud alertou que a posição ocupada pela criança na sequência dos filhos é de extrema importância na constituição do indivíduo e até em seu destino e que deveria ser considerada em cada biografia.

Sobre a importância do nascimento de um irmão, Winnicott (1969) descreveu:

Esta criança não tem sido a mesma desde que o novo bebê nasceu. Em muitos casos, podemos diagnosticar padrões de enfermidade e estes padrões (mostrados como rigidez das organizações de defesas) exigem tratamento. Não se deve permitir que a existência dos padrões de enfermidade obscureça a realidade de que a criança em questão é uma criança com um irmão ou uma irmã mais nova(o). Com o mesmo potencial, a criança seria diferente se fosse o filho mais novo ou filho único, ou se um bebê houvesse nascido e, depois, morrido (Winnicott, 1969, p. 196).

Em 1895, Freud descreveu o complexo do semelhante, destacando a dimensão constitutiva do próximo no que se refere à estruturação do aparelho



psíquico e do pensamento. Quando o objeto apresentado pela percepção se parece com o próprio sujeito, é um semelhante, um próximo. Ele é simultaneamente o primeiro objeto-satisfação e o primeiro objeto hostil e, também, sua única força auxiliar. “Por esse motivo é sobre o semelhante que o ser humano aprende a (re) conhecer” (p. 438).

O duplo, que será visto mais adiante, é o ponto de origem do complexo fraterno – tensão entre o idêntico, de um lado, e o outro, como núcleo irreduzível ao próprio ego, que Freud descreve na constituição do complexo do semelhante.

A rivalidade fraterna infantil foi sempre aceita pelos psicanalistas, especialmente os que trabalham com crianças e adolescentes e que convivem tanto com a crueza dos sentimentos de rivalidade quanto com os sentimentos de exclusão, bem como sintomas e inibições deles resultantes. A problemática desse complexo é geralmente considerada uma consequência do complexo edípico. É interessante acompanhar algumas ideias desenvolvidas por Freud (1912) sobre a *aliança fraterna*, que teria surgido após o assassinato do pai tirano da horda primitiva, que transformou a horda patriarcal em um clã fraterno. Essa seria a origem pré-histórica da organização social com renúncia pulsional, reconhecimento de obrigações e direitos iguais, instituições culturais, primórdios da moralidade e justiça. Quando Freud (1921) trata da ontogênese do instinto gregário, refere que é o egoísmo, o sentimento de inveja do filho mais velho, quando recebe o mais novo, que o deixa enciumado, porque inevitavelmente perde parte do que usufruía até então. O primogênito percebe a impossibilidade de sustentar essa rivalidade, essa atitude hostil sem sofrer prejuízo, porque os pais, que desaprovam estes comportamentos entre irmãos, dão preferência ao recém-chegado. Por isso, quer excluir e livrar-se de qualquer maneira dos bebês que vierem, despojá-los de todos os privilégios e continuar o único. Precisa livrar-se deste conflito e o faz através da identificação com os irmãos. Esta é uma identificação coletiva que dá origem ao *sentimento coletivo ou de grupo*, que é ainda mais desenvolvido posteriormente na escola.

A primeira exigência feita por essa formação reativa é de justiça e tratamento igual para todos. [...] Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do senso de dever. [...] Cada irmão deve ser justo com o outro, não quer salienta-se, todos devem ser e ter o mesmo (Freud, 1921, p. 153).

Também não devem buscar nem aceitar privilégios dos pais. Em 1921, Freud usa complexo fraterno e não vínculo fraterno distinguindo-o do complexo



edípico. Mesmo tendo dado importância à conflitiva fraterna, não aprofundou o estudo deste tema.

Acompanhando suas ideias sobre a conflitiva fraterna, podemos compreender que o complexo fraterno é um conjunto constituído de rivalidade fraterna, amor entre irmãos, identificação fraterna, senso de justiça, sentimento de dever. É muito comum pais comentarem com seus filhos, desde o início de nova gestação, seus desejos, suas preferências, expectativas com a chegada de um irmãozinho. Também dizer-lhes da possibilidade de eles o conhecerem, mesmo antes de nascer, e até o visitarem em uma ultrassonografia. Os pais insistem que esta atitude favorece a ligação fraterna, diminui ou, mesmo, faz desaparecer sentimentos de competição, inveja, ódio, inaceitáveis entre irmãos. Constatamos que, em cada gestação, há uma resignificação dos próprios conflitos fraternos dos pais (com o irmão preferido, preterido, roubado, morto, sobrevivente entre tantos outros) que podem ser transferidos e dramatizados entre o casal ou na relação com os filhos. Se os pais exigem ausência de competição, de inveja, de conflitos entre irmãos, estes, em contrapartida, exigem dos pais ausência de preferência por um filho, distribuição igual de amor. Freud não questionou a possibilidade de os pais, consciente e inconscientemente, mostrarem grandes diferenças entre os filhos, fazendo-os sentirem-se tanto privilegiados quanto excluídos. Confirmamos, na clínica, o quanto essas situações de privilégio, desvalorização, exclusão, desprezo de um filho em favor do outro são fontes de inveja, destruição, rivalidade e, muitas vezes, de conflitos insolúveis dentro da família.

Uma menina de seis anos fez uma exigência de justiça vertical: todos queremos tratamento igual. Assistia quieta e calada, mas muito atenta, à ultrassonografia junto de sua mãe, que se mostrava muito aflita, insegura falando do feto sem parar. Questionava a médica repetitivamente sobre as condições da vida intrauterina negando totalmente a presença da filha. Mostrava-se excitada com a confirmação de um sonho seu – ter um filho homem – e muito preocupada com seu bem-estar, beleza, sucesso, futuro. Lá pelas tantas, a menina rompe seu silêncio e diz alto e firme: “Não!! Ele não está mal... está bem!! Todos nascemos assim!! Todos passamos por isso... todos somos iguais, é assim a vida!!”. Fez-se silêncio na sala até o final do exame.

Em alguns exames, os pais ficam tão transtornados com a imagem do feto que apagam a presença do primogênito, este não existe. Sente-se a agressão disfarçada que desqualifica a criança e a resposta desta.

Uma mãe, acompanhada da filha de seis anos, diz necessitar a confirmação do sexo do feto, porque está muito aflita. É uma outra menina, e a mãe visivelmente



decepcionada repete: “Esta é ainda mais deformada que a irmãzinha, que está ao seu lado”. A filha lhe pergunta: “O que é deformada, mãe?” Não houve resposta.

Ingmar Bergman (1988) descreve, em sua autobiografia, os intensos conflitos fraternos que permaneceram até a sua morte, intensificados pelas condutas parentais. Lembra-se:

Tinha quatro anos quando minha irmã nasceu, e então nossa situação se modificou totalmente: um corpo gordo, disforme passa, assim, de repente, a protagonista. Não tenho mais acesso à cama de minha mãe, e meu pai mostra-se radiante com a existência daquela trouxa que berra continuamente. O ferrão do ciúme fere-me a valer, fico furioso, choro, faço cocô no chão, me emporcalho. O ódio mortal que normalmente eu e meu irmão mais velho sentíamos um pelo outro cessa ao fazermos as pazes para maquinarmos a melhor maneira de matar aquele ser abjeto (p. 8).

E tentaram asfixiar o bebê.

Pontalis, J-B (2009) refere que a rivalidade entre irmãos como um deslocamento da rivalidade edipiana é verdadeira, mas que isto não explica completamente a natureza dessa relação. Estudioso do tema, autor de *Frère du précédent*, pensa “o fratricídio com a mesma importância do matricídio e do parricídio” (p. 134). Vê as guerras como lutas fratricidas, começando com a típica Caim e Abel, a rivalidade entre alemães e franceses na primeira metade do século passado e, na atualidade, a sangrenta disputa por terras israelenses e palestinas.

Estamos de acordo com Kancyper (1992, 1999), que ampliou o entendimento sobre a problemática fraterna, afirmando que o complexo fraterno é independente do complexo edípico, mesmo que com ele guarde relações; também as manifestações dos vínculos fraternos são diferentes daqueles originados nas relações com os pais.

O complexo fraterno tem sua própria especificidade, ainda que possa ou não se articular com o Complexo de Édipo, não como sua mera consequência, nem como uma ramificação sua. Os efeitos desse complexo costumam alcançar um grau tão elevado de conteúdo, que até podem chegar a marcar o destino do sujeito e seus descendentes (1999, p. 61).

Relata este autor que “[...] o encontro com o outro remete ao encontro consigo mesmo, e a relação de irmãos, sendo horizontal, suscita vivências



singulares do duplo; é um semelhante, demasiado semelhante e a primeira aparição do estranho na infância.” (1992, p. 115)

A nossa experiência durante anos leva-nos à reflexão de que a prática da igualdade e justiça pelos pais favorece a inclusão das diferenças, a partir da presença do outro como semelhante. O eixo horizontal da diferenciação, separação, busca de pares diferentes, promove a legalidade fraterna, que é solidária com a legalidade edípica somando, portanto, na constituição do sujeito. Observamos na clínica pouco trabalho analítico com o complexo fraterno, que às vezes, erroneamente, é confundido com a conflitiva edípica ou pré-edípica. Certamente se faz necessário serem esclarecidos aspectos obscuros do complexo do semelhante, da identificação, do complexo fraterno e sua elaboração.

Encontro com o estranho

A observação da vida fetal é a exploração de um mundo estranho, longínquo, ao qual temos que nos adaptar. Como na ultrassonografia esta aproximação é muito rápida, o encontro com o desconhecido é imediato, tomando de surpresa todos os presentes ao exame.

As vivências de uma criança diante das imagens do útero materno lembram o *estranho* de Freud, que se relaciona indubitavelmente com o que é assustador, provoca medo e horror. A estranheza diz respeito ao fenômeno do duplo, à onipotência do pensamento, à realização imediata de desejos, a poderes secretos maléficos, ao retorno dos mortos, todos aspectos presentes no funcionamento comum das crianças, que ainda não superaram esta fase do desenvolvimento e vêm novamente confirmadas as suas crenças primitivas. Esse *estranho* “[...] não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito tempo estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão” (Freud, 1919, p. 301). Daí o impacto da imagem do feto poder comumente produzir um efeito desconcertante sobre o irmão: o estranho, que deveria ter ficado oculto, que ameaça concretizar-se, a todo momento, aparece. No próximo exemplo a criança permanece bloqueada, impedida de brincar, de criar algo no espaço oferecido, como se qualquer gesto seu decretasse a sua morte e o nascimento do irmão simultaneamente.

Um menino de cinco anos acompanha o exame no colo da avó, que estava sentada em uma cadeira ao lado da mãe. A observadora percebe muito medo e tensão na criança. Os familiares nada observam e insistem para que ela conheça o irmãozinho e verifique como é bonito, bonzinho, amiguinho e como está tudo lá



dentro da mãe, afinal é uma visita. O feto, com doze semanas, é ágil e bonitinho. Apesar da insistência dos pais em salientar detalhes do exame, o menino desvia constantemente o olhar, apavorado, virando a cabeça para o lado oposto, como se fugisse da sala. Mesmo confirmando ver tudo, tenta escapar da pressão familiar, e os pais, irritados, não se conformam com sua atitude. A observadora intervém explicando-lhes as diferentes maneiras de olhar, de sentir, reagir. Em seu relatório refere: “É difícil escrever o horror do menino... era uma força muito poderosa que afastava seus olhos da imagem do visor, parecendo provocar-lhe choques e repuxar a musculatura de seu rosto deslocando forte sua cabeça”.

Observamos, também, que a ultrassonografia pode aproximar demasiadamente aquele irmão valorizado e interessante enquanto distante, mas, quando próximo, real, pois suscita a vivência do duplo demasiado semelhante que ameaça com confusão, imaginação/realidade e a perda do amor dos pais.

Uma menina de três anos passa todo o exame no colo do pai tentando distraí-lo ou colocando-se em frente ao visor impedindo que ele visse o feto. Ao mesmo tempo chama a atenção da mãe, de várias maneiras, para que também ela não consiga olhar para o feto. A menina está ansiosa, não para um minuto no sentido de atingir seu objetivo. Terminado o exame, acalma-se, pega a mão do pai e da mãe saindo da sala com passo firme e feliz. Já na porta, olha para trás com um notável sorriso vitorioso e, abanando para a tela do visor, diz: “Tchau nenê, tchau nenê!!”.

Cada pessoa é tocada pela imagem de acordo com sua própria etapa evolutiva. As crianças, mais desinibidas, transformam a realidade que ameaça suas necessidades e desejos em fantasias e ação.

Um menino de quatro anos lutava muito para manter o rosto da mãe virado em sua direção para que ela não olhasse o feto no visor. Quando cansou e percebeu que não conseguiria mais sustentar esta posição, puxou firme o rosto da mãe em direção ao seu, olhou bem dentro dos olhos dela e falou: “Mãe, não esquece que eu te amo!!” Repetiu, arregalou os olhos e, então, soltou a cabeça da mãe. O pai ficou surpreso e os demais presentes ficaram calados até o final do exame.

Desenhos das crianças e seus conteúdos psíquicos

O estudo do desenho como meio de expressão da criança é um tema que se desenvolveu amplamente na psicanálise. É uma das mais importantes ferramentas técnicas. As crianças relatam, por meio do desenho livre, o além das palavras e dos gestos associados – seus desejos, pensamentos, fantasias, medos, ansiedades,



culpa. Reconhecida tal riqueza, a interpretação dessa expressão infantil durante o tratamento, seu significado inconsciente, bem como o dos símbolos utilizados, foram logo sendo explorados por todos os que se dedicam à área clínica, dentre eles Morgenstern (1927), Klein (1932), Freud, A. (1964), Aberastury (1962), Winnicott (1964).

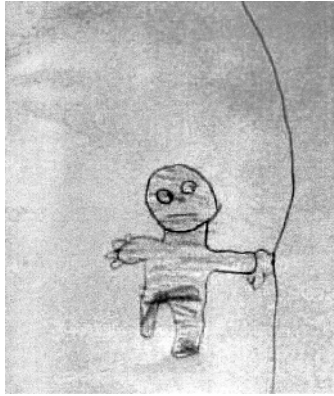
O desenho nasce de uma necessidade de expressão do ser humano e é um dos recursos mais acessíveis de que dispomos como fonte de informação do inconsciente. O acesso que o desenho da criança permite ao seu inconsciente assemelha-se ao da comunicação nos sonhos. Conforme Furth (1998) e França (2001), “os desenhos falam por si”. O desenho é uma forma privilegiada de a criança se expressar, já que oferece permeabilidade para a comunicação dos conteúdos mais profundos. (Saimovici, 1973).

Como em nossa clínica nos servimos do desenho livre das crianças, fizemos o mesmo com os irmãos presentes na ultrassonografia, na tentativa de melhor compreender a manifestação de suas reações, de sua conduta, enfim de suas vivências¹.

Dentre as tantas constatações, evidenciamos que o pavor da existência intrauterina, da atividade independente do feto e de ele pertencer ao mundo real ou ao fantástico aparecem com frequência nos irmãos presentes ao exame, assim como as soluções para estas questões. Quando aceita, a criança mostra também no desenho expressões genuínas de seu estado da alma, do seu ambiente e dos processos psíquicos que está vivendo.

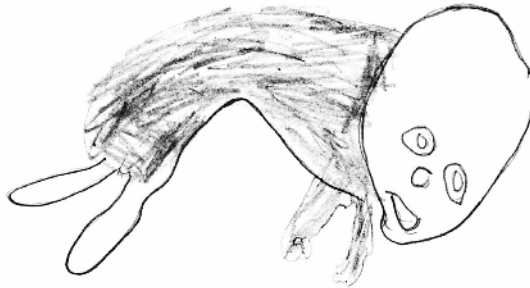
Numa gestação de dezesseis semanas, a mãe está acompanhada do marido e do filho de cinco anos. Este ri muito vendo o bebê no visor. Questiona bastante, admira-se com seus movimentos, comentando sobre sono e vigília do feto e que ele só pode ser muito inteligente para mudar tanto de posição, engolir, urinar, mexer braços e pernas. Pergunta o que é a mancha preta no meio do corpinho do feto. A ultrassonografista explica que era líquido que o bebê estava engolindo. O menino então diz que ele nasceria bêbado, porque a mãe tinha bebido cerveja antes de vir ao exame. Ocorrem risos nervosos na sala e uma sensação de constrangimento nos pais. A mãe justifica que tinha misturado com guaraná. O menino fala com o feto e logo ele se mexe, fato que deixa o irmão instigado, encantado, mais calmo. Ele observa muito esses movimentos e conclui que ele também escuta lá dentro e assim expressa, no desenho o que vivenciou:

¹ Entregamos às crianças um conjunto de recursos gráficos, solicitando a elas que desenhassem o que tinham visto durante o exame. Foi-lhes enfatizada a total liberdade de participação ou não. Todas aceitaram o convite, ficaram muito atentas e interessadas quando da explicação do trabalho e demonstravam muito interesse e prazer em desenhar.



Por vezes, transparece a relação de extrema dependência da criança com sua mãe, ficando em evidência o seu desamparo e o pavor de ser desvalorizada, abandonada, preterida pelo rival.

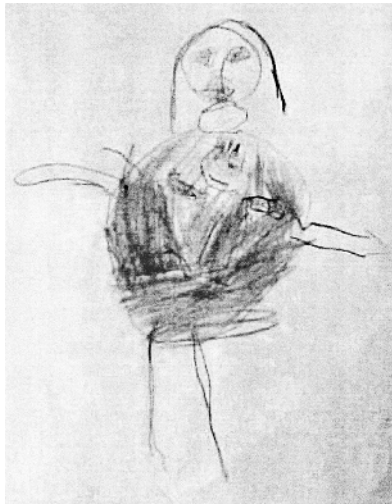
Um menino de cinco anos, filho único, acompanha a mãe com doze semanas de gravidez de seu irmãozinho. Ela comenta durante o exame as sérias mudanças no filho desde a notícia da vinda do novo irmão: “Ele desabou”. Pensou ela que, vendo o feto, mudaria seu humor, estimularia sua aceitação e sua relação com o irmãozinho. A observadora destaca, em seu relatório, o quanto ficou impactada com a expressão enlutada, apática desta criança e conclui: “Carrega a tristeza e a inconformidade com a gravidez da mãe... entra se arrastando, abatido, triste, grudado no seu Pernalonga de pelúcia... e assim permanece durante o exame. Está arrasado. Seu desenho parece um autorretrato: alguém espoliado, culpado, triste, incrustado num mundo vazio. Como expressar ciúme, rivalidade, ódio, diante da mãe e de um fetinho?”





O bebê, tão fantasiado pela criança, objeto de inúmeras teorias sexuais infantis, atualmente é comentado e apresentado pela família precocemente, com descrição de detalhes das estruturas daquele bebê e daquele útero. Este contexto favorece a regressão, ansiedades e rivalidade fraterna.

Um menino com quatro anos e meio acompanha a mãe com vinte e oito semanas de gestação de um feto masculino. Ele mostra-se muito interessado e curioso. Fala bastante, pergunta tudo sobre movimentos do feto e suas consequências, como se estivesse em suas mãos a vida/morte do irmão. Questiona sobre a cor da pele do feto e a ultrassonografista explica que era semelhante à cor da sua pele e a de seus pais. Ele responde que não, que o bebê era verde. A mãe comenta que, quando estava com doze semanas de gestação, ele queria muito tirar o bebê de sua barriga e ela tinha explicado que – semelhante às laranjas – ele ainda não estava pronto, estava verde.



No desenho, ele reassegura a vida do irmão, deixando-o *verde*, não deve nascer ainda. Com um tempo a mais para brincar, desenhar, poderá elaborar esta realidade, esperar o futuro e talvez incluir o irmão como parceiro.

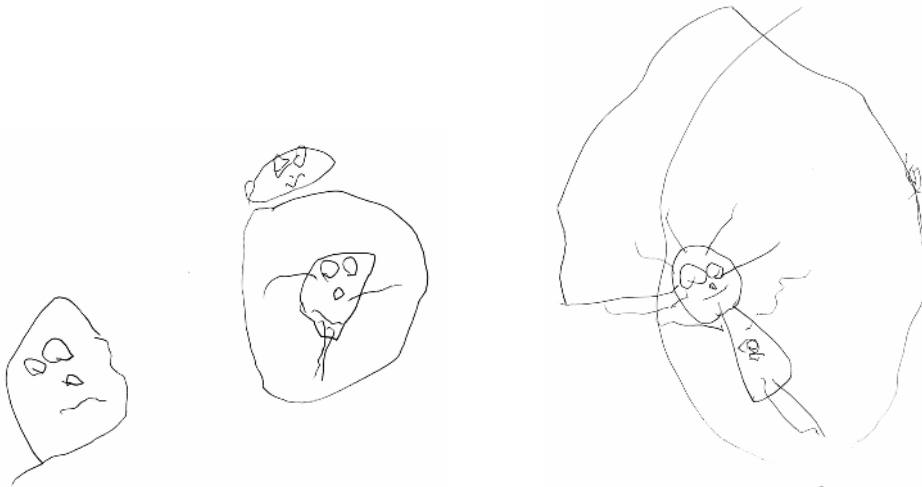
Observamos que crianças pequenas – dois/três anos – expressam fantasias e representações mentais muito vívidas da vida intrauterina e nascimento. Parecem estar num estado não nascido, ainda no ventre materno. Mostram traços de memória de seu período perinatal e/ou traços menos distorcidos pela vida posterior.

Chamou nossa atenção a conduta de autossustentação durante a ultrassonografia e o desenho com comentários de uma menina muito pequena,



dois anos e meio, que, junto com seus pais, foi surpreendida pela notícia-imagem que o irmãozinho, agora com doze semanas de gestação, que ela tinha vindo conhecer, estava morto. Ficaram todos perplexos com uma imagem terrível: *o feto estava paralisado, morto. A menina ficou “por aí”, andando um pouco pela sala, calada, preocupada, observando ora a tela, ora a mão da ultrassonografista, como se estivesse pensando longe, e outro pouco no colo do pai. Este aparentava não estar ligado à morte do feto e a ninguém; comentava ser melhor assim já no início... enquanto a mãe, chorosa, queixava-se ser “um balde de água fria” em suas expectativas. A menina estava à deriva. Após desenhar, ela quis entregar seus desenhos em mãos à medica e contar que, no primeiro desenho, ela estava olhando a mãe de longe, mas no segundo ela estava dentro da barriga da mãe. Os pais criticaram seus desenhos, achando-os pobres, atribuindo “as falhas” à pouca habilidade e à idade da menina: “Ela não sabe se expressar ainda”. O impacto diante da morte, da reação dos pais, da solidão levou esta menina a buscar apoio direto na interlocutora viva, a ultrassonografista e, assim, desenhar e falar sobre sua vivência do duplo que desmentia a morte.*

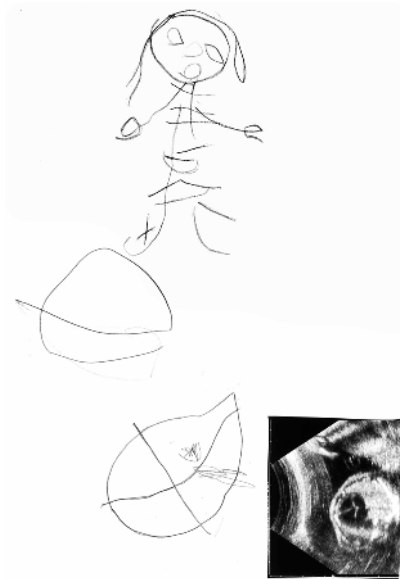
O desenho parece um sonho criado e relatado durante a ultrassonografia, neste espaço ilusório entre a menina, a radiologista, os pais, a observadora por onde ela pôde vagar. Impactou a todos o contato da menina com conteúdos tão primitivos –vida/morte- e sua capacidade de comunicá-los.



Uma menina de três anos, morena, muito séria, usando óculos acompanha a família vinda do interior. Segundo sua mãe, está muito mal-humorada porque se levantou cedo para conhecer o irmãozinho que está com dezoito semanas de



gestação. A observadora tem uma impressão diferente dessa da mãe. Descreve a menina atenta, quieta, fazendo um bico com os lábios, parecendo concentrar-se para pensar a respeito de algo. Permanece olhando firme, um pouco para a tela e um pouco para a ultrassonografista. É um momento sério, respeitoso. Ao receber o material gráfico, mostra-se muito interessada e logo começa a desenhar. Quando da entrega do laudo, a mãe refere que a menina tinha ficado muito impressionada com o coração do feto; falara muitas coisas enquanto “riscava”: como se mexe, como faz barulho, como abre e fecha o peitinho igual ao dela. A mãe diz nada entender e sente muito por sua filha não saber desenhar. Esperava o desenho de um coração e não isto que ela fez. Explica que ela ainda não vai à escola... só brinca... acha que o desenho não expressa nada. A mãe não percebeu que a filha desenhou as quatro câmaras do coração e contou através do desenho uma vivência passada, quando ainda não era nascida. Quando entrega o desenho, refere que é ela que está olhando o coração lá dentro da mãe e no seu peito: o coração bate/para, faz barulho/fica quieto... Descreve um desdobramento estar nascida/não nascida.



Foi incluído no desenho
corte transversal do coração
da ultrassonografia.

Os desenhos de algumas crianças são como sonhos numa sessão de análise. É uma maneira de elas nomearem algo que vivem no momento, de comunicarem seus medos e angústias primitivas para alguém que as respeita e possa compreendê-las. É comum os irmãos se colocarem dentro da mãe, rivalizarem com ela e com



Nara Amália Caron, Maria Mercedes Fonseca

o feto, expulsando-o ou se apossando dos bebês da mãe. O retorno ao útero materno traz também os temores de ser privilegiado, preferido e de tornar-se o injusto usurpador que mobiliza remorso e culpa fraterna.

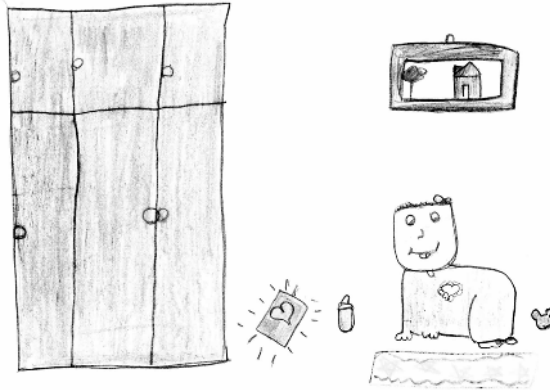
Uma menina de cinco anos acompanha a mãe no exame de trinta e quatro semanas de gestação do irmão. Ela é simpática e falante. Pergunta muito, está curiosa em relação às medidas, ao espaço, tamanho do feto e do útero. Quando entrega o desenho, diz que precisa falar com a médica. Explica, com naturalidade, que ela é a figura maior e a menor é o irmão. Ambos estão nesta casa que tem duas portas. Preocupa-se muito com o tamanho das portas. A de cor laranja maior é para ela sair e a menor, que é rosa, é para o irmão sair. As portas estão fechadas e ela não sabe quem sairá antes, nem o que acontecerá se as portas não se abrirem.



Uma menina de cinco anos sentiu-se muito injustiçada com o que o irmãozinho usufruía dentro do útero da mãe. Resolveu o conflito explicando que, no decorrer do exame, o quarto foi esvaziando e ela, que precisa de um novo, vai usá-lo como mostra o desenho.



A presença de irmãos no exame de ultrassonografia pré-natal



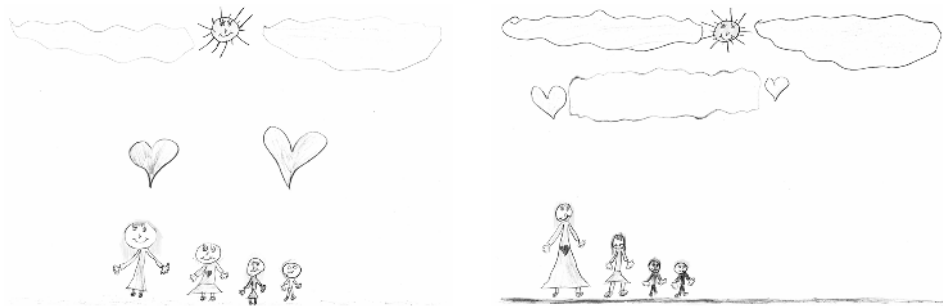
Um menino de cinco anos, muito simpático, fala de si próprio durante todo o exame, da sua proximidade com a mãe, de seu final de semana na casa da avó, onde tem mais cuidados e atenções do que em sua casa. Conhece e domina todos os ambientes. Quando entrega o desenho, comenta: “Assim tava na tela: uma foto minha, de pijama, pantufas andando sobre um tapete de franja, que adoro!!, – na casa da vó”.



Nina, menina de oito anos e sete meses, em pouco tempo vivenciou o nascimento de uma irmãzinha, a separação dos pais, o novo casamento e agora a



gravidez gemelar de sua mãe. Demonstra, durante os exames e nos desenhos, um apagamento dos limites da alteridade e angústias confusionais: adulto/criança; dentro/fora da mãe, indagação a qual mundo ela pertence, onde está. Têm, em sua história, muitas falhas nos cuidados maternos, períodos de desamparo, que intensificam, no momento, seus sentimentos de abandono, ciúme e rivalidade com a mãe e irmãs. Expressa também desejos de tomar posse, apropriar-se dos conteúdos do corpo materno e medo de vingança. Busca alianças fraternas confiáveis que possam ajudá-la no enfrentamento materno.



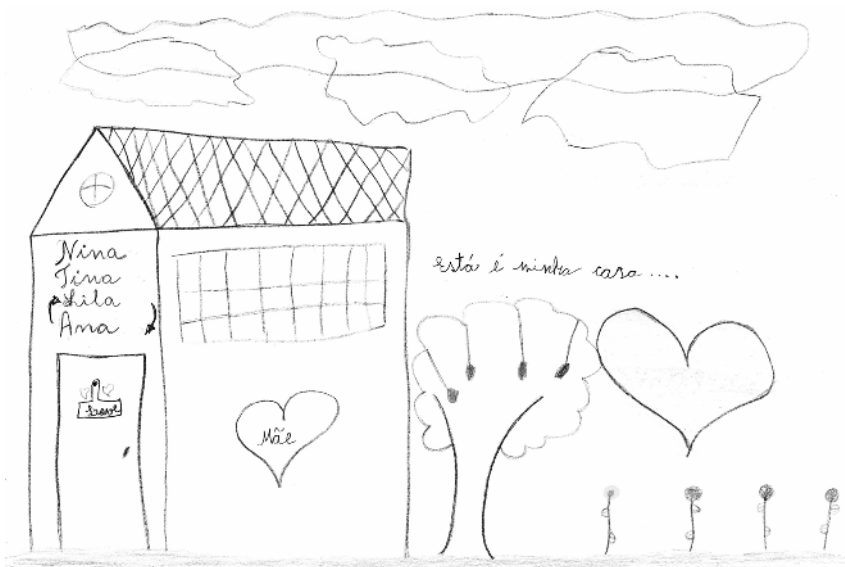
Esta menina acompanha, junto com o padrasto, as quatro ultrassonografias da mãe, grávida de gêmeos. Nos três primeiros exames, repete pequenas modificações nos desenhos, que diz serem mudanças em suas ideias sobre os fetos e a expulsão dos adultos, por serem incompetentes no alívio de suas ansiedades. Sente-se muito feliz, com as irmãs que estão “acompanhadas de um sol alegre, sorridente cercado por duas nuvens fofas e aconchegantes”. Explica que a figura humana maior é sempre ela. Ao seu lado é a irmãzinha de quinze meses e os menores são os fetos-gêmeos. Refere que, sob seu comando, o clima é amoroso entre as quatro meninas, “podem brincar de coisas diferentes”. A ameaça do terror das profundezas do seu ser é barrada e Nina força uma leveza e bem estar, uma aparência florida e tranquila. A confirmação do sexo dos fetos – duas meninas – aconteceu no terceiro exame. Sempre coloca a data do desenho, a data de seu nascimento em anos e meses e seu nome completo.

No quarto exame, é confirmado o parto para daí a poucos dias. Nina, muito aflita, dorme todo tempo no colo do padrasto. Quando acorda diz que hoje não fará pessoas, mas quer desenhar. Faz uma casa na qual recoloca as quatro meninas assinalando que todas estão dentro da mesma. Tem uma luta entre os bebês, a mãe e ela. Não sabe quem sairá antes, nem as condições. No nome das



gêmeas tem uma flecha com sentidos opostos que, segundo Nina, expressa uma luta ainda maior entre as duas na hora da saída.

Com todas as lutas e ameaças, Nina segue morando na velha casa em que nasceu... E, para completar, registra: “Está é minha casa...”. Refere preocupações sobre o estado de cada uma após o parto. Surge uma esperança de identificação com a mãe que cria bebês vivos, reais, de preservação de sua fertilidade e de uma possível aliança com as irmãs: “São parecidas, todas mulheres, podem brincar, mas com suas diferenças”.



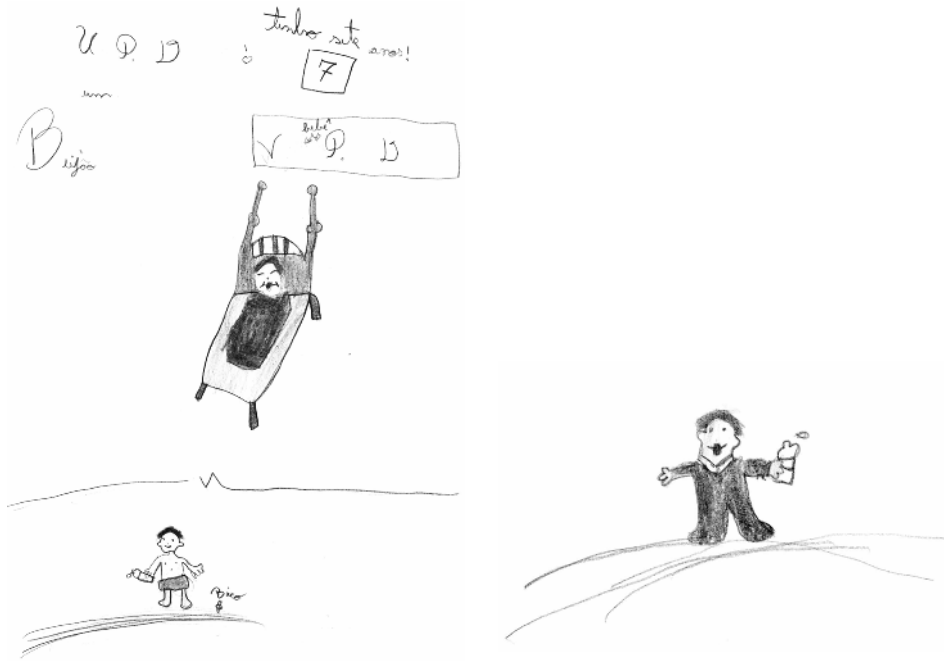
Através das ações, associações e de desenhos, Nina pode expressar o enredo do encontro com suas irmãs tendo como pano de fundo as ultrassonografias.

Sabe-se que, durante a gestação, o primogênito pode perceber sua mãe mais distante, envolvida, identificada com o feto e esta condição materna pode intensificar sentimentos de abandono e solidão encobertos por agitação, raiva. Numa ultrassonografia, a mãe, aparentemente absorta, comenta, provocativamente, as diferenças entre esta gravidez e as anteriores. Nesta, *diz estar mais ligada, preocupada com o bebê, “curtindo mais”, “será que é por ser guri? Isso está me influenciando?”*. A filha, com sete anos, desenha e relata uma história para a observadora sobre os movimentos e a rápida evolução do irmãozinho durante o exame. Destaca a alegria do bebê por já andar, gritar, carregar a sua mamadeira, estar pronto para nascer e, especialmente, poder tomar conta de si. Assim tenta



Nara Amália Caron, Maria Mercedes Fonseca

administrar sua impotência e dor por não se sentir vista, reconhecida e atendida pela mãe.



Desde que iniciamos o trabalho com ultrassonografia – início da década de noventa – uma questão centraliza o interesse e a curiosidade da imensa maioria dos pais: a confirmação do sexo do feto. Em nosso meio, há uma franca preferência por bebês do sexo masculino e um rechaço, uma expressão de decepção e frustração diante da confirmação de ser menina.

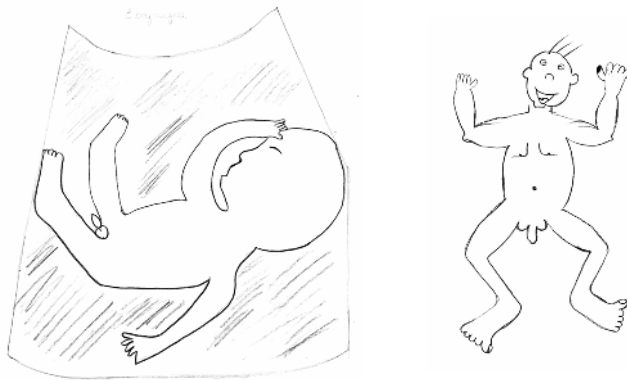
Observamos que a indicação do sexo masculino é sempre bem aceita pelos pais, que enxergam com clareza as imagens e que não necessitam confirmação. Quando o feto é feminino isto não ocorre. Frequentemente, os presentes queixam-se de não enxergar, dizem que “está tudo borrado”, “é só um escuro”, “é só um vazio”, “é um buraco”. Duvidam das imagens, “elas não mostram nada”. É necessário confirmar e, às vezes, repetir o exame para se certificarem, se convencerem de que não desenvolveu um pênis, ou se a ultrassonografista não se enganou. Uma mãe diz: “não consigo ver o nenê; a senhora tem que ter paciência comigo, porque menina é uma massaroca, não se vê nada”.

A apreciação negativa da condição feminina é um valor social que se manifesta nas relações em todo o mundo. É uma reação descrita em diferentes

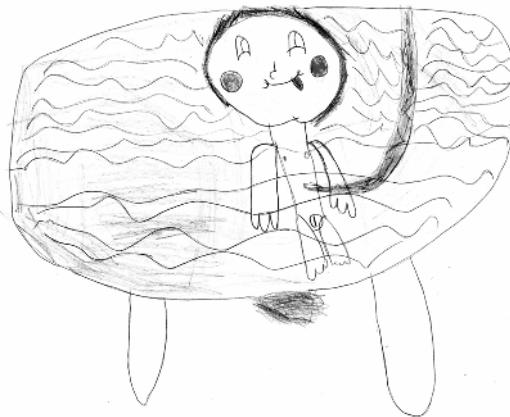


culturas. Liv Ulmann (1978) relata uma lembrança marcante de sua mãe quando de seu nascimento ocorrido num pequeno hospital de Tóquio: “Uma enfermeira, curvando-se e murmurando, em tom de quem pede desculpas diz: infelizmente é uma menina. A senhora prefere informar pessoalmente ao seu marido?” (p. 9). Os pais frequentemente têm reações fortes, perdem o controle, acusam a esposa de incompetência, dizem que não suportarão mais uma “deficiente” em casa.

É notável como todos os fetos – sem exceção –, que, em exame, se confirmou serem do sexo masculino, tiveram pelos irmãos, tanto meninos como meninas, seus genitais desenhados clara e discriminadamente.



Quando da confirmação do sexo feminino dos fetos, acontece o oposto. Tanto os irmãos como as irmãs não os desenharam, tendo, às vezes, comentado não saberem, não enxergarem, serem bebês feios. Dos mais de trinta desenhos de fetos femininos, uma só menina desenhou a irmã.





Considerações finais

Até poucas décadas atrás, o mundo mãe-feto era totalmente privado e inexplorado. Este mundo fantástico, no qual se desenvolve o novo ser humano – único e singular –, exigia o momento do parto para conferir as expectativas e desejos da mãe, dos familiares e dos médicos.

A biotecnologia vem pressionando a noção de onipotência humana e despertando fantasias as mais primitivas. Aquilo que existia só em sonho, de repente, pode ser realizado. A ultrassonografia obstétrica é um exemplo do quanto o contato com o universo fetal se modificou. Tornou-se um exame de rotina em nosso meio e transformou-se em uma ocasião única de ver como o feto vive, com sua relativa autonomia e suas competências. O mundo mãe-feto passou a ser invadido pelos olhos de muitas pessoas que, quebrando segredos milenares, se vêm fortemente emocionadas pela estranheza das imagens no exame. O clima, que era de intimidade, de um “quase segredo”, agora se mostra às claras. Porém segue impactante o desafio de entrar no ambiente intrauterino, escutar o som estrondoso do seu silêncio, enxergar a sua escuridão e, também, descobrir – com encantamento – a vida que ali se desenvolve, aparentemente alheia ao mundo lá fora.

Este novo contexto – pais-feto-irmão/imagens da ultrassonografia – promove um nível de profunda comunicação, satisfação e realização. A criança, convidada a uma visita importante, experiencia um contato desejado e simultaneamente temido.

Tantos os relatos das observações como os desenhos traduziram conteúdos psíquicos de grande profundidade, especialmente relacionados ao complexo fraterno. O acolhimento da equipe possibilitou às crianças expressarem suas angústias, ódios, rivalidades, amor fraterno, desejos desde os mais vívidos àqueles que nem ousamos admitir. Criou-se um espaço no qual a equipe e a criança compartilharam de um brinqueado criativo. Ela cria algo que já está aí e não está nem dentro nem fora do útero da mãe; tampouco de si próprio. Não é um eu e também um não eu. Esta é a proposta acordada por todos. Curtindo esta ilusão, vai surgindo uma desilusão gradual, sinalizada pela presença da discriminação, alteridade e de uma maior aceitação da realidade. Nesta situação, a criança exercita sua onipotência mágica, *criando, do nada*, a ilusão de um irmão que é apresentado, desenhado, aceito.

Constatamos a necessidade de as crianças serem escutadas, não criticadas, exigidas ou ameaçadas em suas angústias e sofrimentos, de se acolher a história que o irmão conta, uma verdade interior, que espera ser escutada, aceita,



compreendida. Comunicam confiança no profissional, que deve conhecer o desenvolvimento psicológico normal e patológico das crianças, empatizar com o que elas sentem, aceitar seus movimentos regressivos e progressivos com calma e respeito. Elas esperam ser atendidas em seus autênticos questionamentos e colocações. Por isso, é fundamental contarem com um ambiente empático, acolhedor, seguro e respeitoso. Confirmamos que dar às crianças respostas simples, claras e verdadeiras às perguntas formuladas, respeitando sua etapa evolutiva, alivia a tensão, facilita o contato e a comunicação franca. Assim, a vivência do exame de ultrassonografia pré-natal pode oportunizar tanto às crianças quanto a seus pais mais uma experiência de integração.

Este trabalho é uma proposta inicial. Cada descobrimento técnico, porém, brinda novas opções e, por vezes, novas pressões; agrega possibilidades, mas também incrementa riscos.

A imagem do útero, visualizada no exame de ultrassonografia obstétrica, sugere uma caverna escura, nos coloca frente ao semelhante fascínio descrito por Lino:

Não se visitam cavernas impunemente. Ali tudo é diferente, belo e novo. Como uma das últimas “fronteiras” de nosso planeta, pode-se ainda experimentar o prazer incomum de penetrar um recanto onde nenhum outro ser humano adentrou e seguir, sem pegadas, à frente (2001, p.11). □

Abstract

The presence of siblings in the pre-natal ultrasonography exam

In the last years, we have observed the increased presence of siblings in the pre-natal ultrasonography exam, a time in which attitudes, reactions and questionings arise which show the necessity of more profound researches. Therefore, we decided to perform a centered study in the relation parents-fetus(s)-sibling(s) utilizing, like in previous studies, the *Bick method* (1964) and I extend the analyses to children's drawings made after the exam. About seventy five children participated in the study, accompanied by an observer. This new context-parents/fetus/sibling/ultrasonography images – promote a level of deep communication, satisfaction and accomplishment. The child, invited to an important visit, experiences a wishful and simultaneously fearful contact. The description of the observations as much as the drawings, translated great profound psychic contents, specially related to



the fraternal complex. The welcoming of the team made possible for children to express their anguish, hatred, rivalries, fraternal love, wishes, from the most experienced, the ones we don't dare to admit. A space was created in which the team and the child shared a creative toy. The child creates something that is already there and it's not in or out of the mother's uterus, nor oneself. It's not a me and also it's not a not me. This is the awakened proposal for all. While enjoying that illusion, a disillusion is gradually developing, signaled by the presence of discrimination, otherness, and a greater acceptance of reality. In this situation, the child exercises its magic omnipotence, *creating, out of nothing*, the illusion of a sibling who is introduced, illustrated, accepted.

Keywords: Fraternal Complex. Bick method. Children's drawing.

Resumen

La presencia de hermanos en el examen de ecografía prenatal

En los últimos años, hemos observado la presencia creciente de hermanos en el examen prenatal ecográfico, ocasión en que surgen actitudes, reacciones, interrogantes, que dejan evidente la necesidad de investigaciones profundizadas. Por eso, hemos resuelto realizar un estudio centrado en la relación padres-feto(s)-hermano(s), utilizando, como en estudios anteriores, el *Método Bick* (1964) y extendiendo el análisis a dibujos de niños realizados luego del examen. Han participado del estudio cerca de setenta y cinco niños que estuvieron presentes al examen, acompañados de una observadora. Este nuevo contexto – padres-feto-hermano/imágenes de la ecografía – promueve un nivel de profunda comunicación, satisfacción y realización. El niño, invitado a una visita importante, experimenta un contacto deseado y simultáneamente temido. Tanto los relatos de las observaciones como los dibujos tradujeron contenidos psíquicos de gran profundidad, especialmente relacionados al complejo fraterno. La acogida del equipo posibilitó que los niños expresaran sus angustias, odios, rivalidades, amor fraterno, deseos desde los más vívidos hasta aquellos que ni nos atrevemos a admitir. Se creó un espacio en el cual el equipo y el niño compartieron un juego creativo. Se crea algo que ya está ahí y que no está ni dentro ni fuera del útero de la madre, tampoco de sí mismo. No es un yo y tampoco un no yo. Esta es la propuesta acordada por todos. Disfrutando de esta ilusión, va surgiendo una desilusión gradual, señalada por la presencia de la discriminación, de la alteridad y una mayor aceptación de la realidad. En esta situación, el niño ejerce su



omnipotencia mágica, *creando, de la nada* la ilusión de un hermano que se presenta, se dibuja, se acepta.

Palabras llave: Complejo fraterno. Método Bick. Dibujo infantil.

Referências

- ABERASTURY, A. (1962). *Teoría y técnica del psicoanálisis de niños*. Buenos Aires: Paidós.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. (1940). Confidência do itabirano. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 46.
- BERGMAN, I. (1988). *Lanterna mágica*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BICK, E. (1964). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, v. 24, n1, p. 97-115, 1967.
- CARON, N. A.; MALTZ, R. S. (1994). Intervenções em grávidas com anomalias congênitas. *Rev. Psiquiatr. RS*, v. 16, n.3, p. 202-207.
- CARON, N. A.; FONSECA, M.; KOMPINSKY, E. (2000). Aplicação da observação na ultrasonografia obstétrica. In: CARON, N. A. (Org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 178-206.
- CARON, N. A.; FONSECA, M.; GOMES, A. (2002). Revisitando o útero materno: os irmãos na sala de ultra-sonografia. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICANÁLISE, 24., 2002, Montevidéu.
- CARON, N. A.; FONSECA, M.; LOPES, R.S. (2008). The baby and his majesties: some considerations on human helplessness. *Int. J. Infant Observation*, v 2, n. 1, p. 67-75.
- FRANÇA, M. (2001). Quando os desenhos – tal como o corpo – falam por si: narrativa de uma análise através de desenhos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 18., 2001, São Paulo.
- FREUD, A. (1927). *Psicoanálisis del niño*. Buenos Aires: Hormé.
- FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1912). Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1919). O estranho. In: *Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FURTH, G. (1998). *El secreto mundo de los dibujos*. Barcelona: Oceano.
- KANCYPER, L. (1992). Remordimiento y resentimiento en el complejo fraterno. In: *Resentimiento y remordimiento: estudo psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós. p.115-136.
- _____. (1999). A confrontação fraterna. In: *Confrontação de gerações: estudo psicoanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 61-76.
- KLEIN, M. (1932). *El psicoanálisis de niños*. Buenos Aires: Hormé, 1964.
- LINO, C. F. (2001). *Cavernas*. São Paulo: Gaia.



Nara Amália Caron, Maria Mercedes Fonseca

MORGENSTERN, S. (1927). El simbolismo y el valor psicoanalítico de los dibujos infantiles. *Revista de Psicoanálisis*, v. 5, n. 3, p. 762-770, 1947.

PONTALIS, J.-B. (2009). Na borda das palavras. *Percurso*, v. 21, n. 42, p. 117-138.

SAIMOVICI, H. (1973). El dibujo: via de acceso al inconsciente infantil. *Revista de Psicoanálisis*, v. 30, n. 3, p. 877-892.

ULMANN, L. (1978). *Mutações*. Rio de Janeiro: Nórdica.

WINNICOTT, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 389-408.

_____. (1964). O jogo do rabisco (Squiggle Game). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.230-243.

_____. (1969). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.195-202.

Recebido em 21/03/2011

Aceito em 25/04/2011

Nara Amália Caron

Avenida Carlos Gomes, 1286/301

90480-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: nacaron@portoweb.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA